
O 'eu' narrador e a mediação jornalística em “*My Friend Anne Frank*”: uma análise testemunhal do relato em primeira pessoa sobre o Holocausto¹

Carlos Augusto Pereira dos SANTOS JÚNIOR²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

O estudo analisa o relato jornalístico em primeira pessoa sobre o Holocausto na obra "My Friend Anne Frank" (KRAFT, 2023), investigando o papel do "eu" narrador e da mediação jornalística na construção da narrativa. O problema de pesquisa explora como o relato em primeira pessoa, mediado pelo jornalismo, pode midiaticizar histórias de vida e reconfigurar a percepção do Holocausto, oferecendo novas perspectivas sobre o impacto individual do evento. A pesquisa utilizará a metodologia de análise de narrativas e os seguintes operadores: "testemunho na mídia" e "testemunho pela mídia" de Frosh (2014), para examinar a interseção entre memória, narrativa pessoal e mediação jornalística.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo narrativo; relato íntimo; mediação jornalística; memória coletiva; Holocausto.

INTRODUÇÃO

No âmbito jornalístico, o Holocausto é reconhecido como um dos eventos históricos traumáticos mais investigados, possivelmente superando outros episódios como os genocídios armênio, cambiano (1975-1979) e ruandês (1994), além da Escravidão Transatlântica (séculos XVI-XIX), que teve o Brasil como um dos seus principais palcos. Jornalistas ao redor do mundo dedicam-se frequentemente a investigar o Holocausto, destacando-o como marco significativo de atrocidades históricas. À medida que novos documentos são descobertos e arquivos são revisados, o tema continua a emergir no debate público e a ser explorado por meio de inúmeros artigos, reportagens,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação (PPFCOM/UFF). Assessor de Comunicação da SBPJor. Mestre em Comunicação (UFOP), com mestrado sanduíche financiando pelo (NSF) Nacional Scholarship Program na Josef Pavol Safárik University in Kosice, na Eslováquia. Integrante do Grupo de Pesquisa, estudos e extensão “Ponto”, com pesquisadores da UFOP e UNB. Graduado em jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto, com passagem pela (UNL) University of Nebraska Lincoln nos Estados Unidos e pela (UR) Universidad del Rosario, na Colômbia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4192700297124530>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2592-4037>.

documentários e outros formatos de produção, cada um à busca de examinar e representar o evento sob diferentes perspectivas. Produtos exemplares disso são filmes como "A Lista de Schindler" de Steven Spielberg e "O Menino do Pijama Listrado" baseado no livro de John Boyne, assim como séries documentais como "Ordinary Men", dirigido por Manfred Oldenburg, que contextualizam a complexidade e as consequências do Holocausto de maneiras distintas. Além disso, produções jornalísticas recentes, como o livro-reportagem "Jews in the Garden", lançado em 2023 e escrito pelo jornalista Judy Rakowsky, e "I will protect you" de Eva Mozes Kor e Danica Davidson (2022), também têm se dedicado a narrar histórias individuais de sobreviventes e suas experiências durante esse período.

No entanto, uma produção jornalística que se destaca, entre tantas outras, sobretudo pelo modo como sua narrativa é operacionalizada em primeira pessoa e construída discursivamente, é o livro da jornalista israelense-americana Dina Kraft. Lançado em 2023 e aclamado como um dos best-sellers de não-ficção pelo jornal New York Times³, o livro "My friend, Anne Frank" é resultado da colaboração da jornalista com a melhor amiga de Anne Frank, Pick Goslar, e oferece não somente outras perspectivas sobre a história pessoal da sobrevivente e o impacto do Holocausto em suas vidas e nas experiências do cotidiano, bem como ilustra como eventos traumáticos continuam a ressoar na consciência global, configurando narrativas contemporâneas e provocando reflexões profundas sobre suas implicações éticas, históricas e sociais.

Assim, a pergunta central que guia esta pesquisa é: como o relato em primeira pessoa, mediado pelo jornalismo, pode mediatizar histórias de vida e reconfigurar a percepção do Holocausto, oferecendo perspectivas subjetivas sobre o impacto individual desses eventos? A pesquisa proposta utilizará a metodologia de análise de narrativas (RESENDE, 2002; PERES, 2016), a partir de operadores "testemunho na mídia" e "testemunho pela mídia" propostos por Frosh (2014). Esses operadores auxiliam a examinar a interseção entre memória, narrativa e mediação jornalística.

2. Por um jornalismo de teor testemunhal e de subjetividades

A prática tradicional do jornalismo de referência em adotar a terceira pessoa, conforme analisado por Zamin (2014), busca conferir uma aparente objetividade em suas

³ A lista pode ser encontrada na íntegra no site oficial do jornal. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/books/best-sellers/2023/07/16/hardcover-nonfiction/>>.

narrativas, numa tentativa de distinguir os fatos das influências subjetivas do repórter. No entanto, as subjetividades circunscrevem-se, cada vez mais, nas decisões de pauta e nas revisões do material jornalístico, como apontam Marta e Fernandes (2023) ao tratar da necessidade de maior transparência no campo. Assim, a crença na total objetividade jornalística é problemática, pois impede que o jornalista vislumbre a complexa rede de subjetividades que moldam a produção noticiosa. Para Fabiana Moraes (2022), é urgente questionar a ideia de um jornalismo estritamente objetivo e que ignore outras formas de narrativas, haja vista que a pauta deveria ser vista como uma "arma de combate" para confrontar a desumanização perpetuada pela mídia tradicional e hegemônica diariamente.

Nessa perspectiva, a subjetividade permeia os critérios da objetividade, representando o terreno no qual reside, muitas vezes não declaradamente, a rejeição do Outro (PERES, 2017). Isso se materializa em práticas, que no âmbito do jornalismo se manifestam por meio de regras, que podem ser observadas na defesa dos "fatos", nos valores-notícia e até mesmo no delineamento da pauta jornalística. Neste contexto, para se pensar em uma atividade que extrapole o factual e suas dimensões epistêmicas, Peres (2017) elabora a tese de um jornalismo de teor testemunhal. É um testemunho compartilhado que aborda não só a própria experiência, mas que se estrutura permeado por diversos outros atos testemunhais que podem informar a quem está testemunhando sobre sua própria existência no mundo, além de transformar o jornalista e o leitor em testemunhas, também, midiáticas.

2.2 O testemunho jornalístico de Pick Goslar: um retrato íntimo do Holocausto

O jornalismo em primeira pessoa, proposto por Nichols (2022), busca dar destaque ao testemunho, conferindo-lhe um papel central. No entanto, testemunhar vai além de simplesmente estar presente no local do acontecimento (ARFUCH, 2010), uma vez que o relato na mídia, além de informar como diz Frosh (2014), também recontextualiza fatos, amplia o entendimento sobre eles e permite que o público seja afetado pelo testemunho do Outro por meio das subjetividades (MAIA, LELO, 2014). Essa dinâmica midiática estabelece uma conexão entre quem relata, quem media e quem tem acesso a esse relato testemunhal na mídia, como pode-se observar neste excerto:

Naquela noite, ouvimos o Presidente Roosevelt no rádio condenando os ataques. Ele disse: 'As notícias dos últimos dias da Alemanha chocaram

profundamente a opinião pública nos Estados Unidos. Tais notícias de qualquer parte do mundo provocariam uma reação semelhante e profunda entre o povo americano em todas as partes da nação. Eu mesmo mal podia acreditar que tais coisas poderiam ocorrer em uma civilização do século XX. Meus amigos alemães e eu ouvimos nossos pais discutindo a Noite dos Cristais, atordoados pelo que parecia um golpe em seus últimos fragmentos de esperança de que a Alemanha pudesse despertar de seu torpor e voltar a ser o lugar decente e culto ao qual se sentiam profundamente ligados. Soubemos que cerca de 100 judeus foram mortos ou faleceram mais tarde devido aos ferimentos infligidos pelas multidões. (KRAFT, 2022, p. 20, tradução nossa).

Nesta passagem, a sobrevivente reconstrói um pronunciamento do Presidente Roosevelt no rádio sobre a Noite dos Cristais na Alemanha. Roosevelt expressa incredulidade diante dos acontecimentos, destacando que tais atrocidades não deveriam ocorrer numa civilização moderna como a do século XX. De alguma medida, esse testemunho pessoal de Pick Goslar, na mídia, não se limita a informar; ele carrega em si uma carga emocional, um presságio do que pior que estava por vir, conecta e reconfigura a compreensão coletiva dessa noite para os judeus. Sobretudo, narrado em um jornalismo em primeira pessoa, o relato parece servir, também, como um alerta histórico e uma chamada à reflexão, proporcionando uma visão mais profunda e humana de um dos eventos que marcam o início do Holocausto.

Nichols (2022) sugere que embora apresentar uma perspectiva pessoal e manter distância para citar fatos possam parecer abordagens opostas na narrativa jornalística, elas coexistem harmoniosamente no jornalismo em primeira pessoa. Enquanto alguns tradicionalistas mantêm uma distinção rígida entre notícias duras e suaves, essa divisão se enfraquece com o tempo. Ao combinar intelecto e emoção, jornalistas ao desenvolver uma narrativa em primeira pessoa criariam, então, (con)textos que poderiam capturar a atenção dos leitores e, em certa medida, agregar também o debate público.

Sobre essa ótica, o pensamento de Nichols (2022) sobre reportagem em primeira pessoa está centrado na ideia de combinar fatos com um ponto de vista pessoal para construir um relato jornalístico, para além de suas dimensões técnicas. Por óbvio, esse processo não se limitaria, assim, à simples narração pessoal, ao passo em que envolveria também a mediação jornalística para atingir uma audiência mais ampla a partir do interesse público, de um certo ativismo, ao criar por exemplo um dever de memória compartilhado. Ao ser transparentes sobre o lugar de onde escrevem e para quem escrevem, desde o início, os jornalistas lançariam mão da primeira pessoa e das subjetividades para alcançar certa forma de empatia e transparência jornalística, suas

dimensões políticas, sociais e íntimas do período do Holocausto. Essa abordagem refletiria, ainda, o conceito de testemunho "na" e "pela" mídia (FROSH, PINCHEVSKI, 2014), onde a experiência pessoal é transmitida por meio de uma estrutura jornalística que busca informar o leitor e gerar afeto, proximidade e outras dimensões do real:

Era sexta-feira, 10 de maio de 1940. Nós três, como tantos pelo país, acordamos em choque. A Luftwaffe alemã estava atacando o Aeroporto de Schiphol, o principal aeroporto do país, tanto civil quanto militar, a 15 milhas a sudeste de nós. O rugido dos aviões de guerra enxameava baixo no céu, parecendo pairar uns sobre os outros. Voavam tão baixo em algumas áreas que as pessoas conseguiam ver as suásticas em suas asas. Era uma demonstração maciça de força. O governo neutro holandês não recebeu nenhuma declaração de guerra; os alemães simplesmente começaram a bombardear, seguidos imediatamente por paraquedistas após o bombardeio aéreo. Eles queriam nos mostrar que estavam aqui. A temida invasão, considerada improvável pela maioria dos holandeses, tinha chegado.

- "Eu preciso ir para a escola?", perguntei aos meus pais.

- "Não, tenho certeza de que hoje não haverá aula", respondeu minha mãe, com a voz sem emoção.

Os alemães declararam ilegal para os holandeses ouvirem organizações de radiodifusão estrangeiras ou holandesas, incluindo a Rádio Free Orange, a estação de rádio do governo holandês no exílio na Inglaterra. Como meus pais eram fluentes em inglês, como muitos outros, eles dependiam da BBC para informações atualizadas. Sentiram-se de repente isolados, aprisionados em uma nova realidade angustiante. Logo, a maioria do que havia para ouvir era programação nazista, ou chamada de programação "ariana". Propaganda. Mas ao saber da proibição de ouvir rádio estrangeiro, minha mãe sempre prática disse: "Não quero dar aos alemães nenhum motivo para nos causar problemas." E com isso, ela pegou nosso moderno e elegante rádio e o deixou do lado de fora, na calçada. Parecia uma perda terrível, mas foi para o nosso próprio bem. (KRAFT, 2022, p. 36).

No testemunho mediado pela mídia (FROSH, 2014), como no trecho acima, a primeira parte descreve o início da invasão alemã na Holanda em 1940, transmitindo o choque e o medo diante dos ataques da Luftwaffe que impactavam o dia a dia da criança Pick Goslar. Já a segunda parte destaca as restrições impostas pela ocupação alemã, como a proibição de ouvir rádios estrangeiros e a dependência da propaganda nazista, de forma a se pensar também como o direito à informação passou a ser algo negado aos judeus. Ambas as narrativas ilustram de maneira contundente como as ações da guerra deixaram marcas profundas na vida das pessoas, o que reitera a importância do testemunho íntimo mediado pela mídia para compreender os impactos históricos e individuais. Tais relatos para além de informacionais, externam em narrativa as consequências psicológicas e

práticas das políticas de ocupação nazista na Alemanha e na Holanda. De algum modo é o jornalismo que busca os rastros, o que só é possível saber mediante a fala e a escuta:

Meu coração batia tão forte que eu quase me surpreendi por conseguir ouvir a voz pequena e tranquila que chamava:

- 'Hanneli? Hanneli, é realmente você?'

- 'Sim, sim, Anne, sou eu!' respondi.

Ambas começamos a chorar instantaneamente, a mesma chuva fria caindo sobre nós em lados opostos desta maldita cerca.

(...)

Alguns dias após a morte de Papai, decidi voltar à cerca para procurar Anne novamente. Eu queria falar com ela, contar sobre papai, lamentar juntas. Me aproximei da cerca, mas pude ver através de novos vãos na palha que as tendas do outro lado haviam sido desocupadas. Anne, Margot, a Sra. van Pels, todos haviam desaparecido. Sumido. Era como se nunca tivessem estado lá (KRAFT, 2022, 129, tradução nossa).

O encontro entre Pick Goslar e Anne, descrito acima por Dina Kraft, captura de maneira vívida a conexão humana, fraterna e afetiva em meio à adversidade durante o Holocausto. A subsequente busca de Pick Goslar por Anne, que durou vários meses, seguida pela descoberta do desaparecimento das tendas e da ausência de seus ocupantes, enfatiza a brutalidade e a efemeridade da vida sob circunstâncias extremas e o estado de vulnerabilidade e desumanização aos quais certos corpos, sobretudo durante o Holocausto, eram submetidos. Frosh e Pinchevski (2014), neste sentido, argumentam que o testemunho mediado pela mídia molda narrativas para diferentes públicos, mas também desafia a empatia e a escuta atenta em relação ao Outro.

Conclusão

De certa forma, a negligência desses testemunhos pode perpetuar invisibilidade e marginalização, conforme discutido por Moraes (2022) e Butler (2017), e não levar o leitor a refletir sobre a catarse, o ódio, o terror dos eventos históricos e midiáticos. Por outro lado, quando esses relatos subjetivos são vistos pela perspectiva crítica do testemunho em primeira pessoa, pode-se compreender não somente as atrocidades históricas pelo relato oficial, mas a configuração e desarquivamento de testemunhos que documentam a resiliência e a fragilidade da condição humana.

Além disso, no contexto traumático do Holocausto, o jornalismo em primeira pessoa parece assumir um papel testemunhal e midiático que vai além da mera narração; ele se torna um canal profícuo para a exploração da intimidade que se inscreve na memória coletiva. Esta abordagem narrativa em primeira pessoa facilitaria, de tal modo, uma compreensão matizada do impacto do Holocausto, para além de relatos estatísticos em busca de capturar as realidades viscerais enfrentadas pelos sobreviventes. Através de narrativas introspectivas, os jornalistas almejavam desafiar narrativas predominantes, a partir de um testemunho que se enraíza tanto no corpo e na voz dos sobreviventes.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea** / Leonor Arfuch: tradução, Paloma Vidal. - Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. 370 p. ISBN 978-85-7511-167-3.
- BUTLER, Judith. **Vulnerabilidad corporal, coaliciones y política de la calle**. Nómadas, Colômbia, n. 46, p. 13-29, abril/2017.
- FROSH, Peter. **Telling presences: witnessing, mass media, and the imagined lives of strangers**. In: FROSH, P; PINCHEVSKI, A. Media witnessing: testimony in the age of mass communication. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 49-72.
- KRAFT, Dina. My friend, Anne Frank: **The Inspiring and Heartbreaking True Story of Best Friends Torn Apart and Reunited Against All Odds**. 1. ed. [S. l.]: Little, Brown Spark, 2023. 320 p.
- MAIA, M. R.; LELO, T. V. A morte de Vladimir Herzog: narrativas do trauma na memória coletiva. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, p. 21-33, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n1p21>>. Acesso em: 24 mar. 2015.
- NICHOLS, M. **First person journalism: A guide to writing personal nonfiction with real impact**. 1st edn. London: Routledge, 2022.
- POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RESENDE, Fernando. Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe. **Revista Contracampo**, 85-102, 2005. 76, 2005. FA Resende. Annablume/FAPESP, 2002.
- RESENDE, Fernando; PERES, Ana C. Nós, as testemunhas: notas sobre um jornalismo de teor testemunhal. **Dispositiva**, v. 5, n. 2, p. 121-137, 17 ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/p.2237-9967.2016v5n2p121-137>. Acesso em: 8 jul. 2023.
- ZAMIN, A. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 918-942, 2015. DOI: 10.15448/1980-3729.2014.3.16716.